

VOCÊ ESTÁ SOLTEIRA/O PORQUÊ, BÊ¹? MOTIVOS DECLARADOS POR SOLTEIRAS/OS EM SALVADOR²

Darlane Silva Vieira Andrade³

Maria Gabriela Hita⁴

Resumo

Comumente as pessoas solteiras são interpeladas sobre os motivos pelo não casamento, num contexto em que, apesar de diversas mudanças no campo da intimidade, ainda se espera que adultas/os se casem. Com base em estudo de tese sobre o tema da solteirice em Salvador, este texto apresenta os principais motivos para a solteirice, declarados por adultas/os solteiras/os de classe média e que moram sozinhas/os na capital baiana, discutindo também a relação destes com os motivos por morar só e o que esta dupla condição de solteira/o e morar só proporciona. O estudo utiliza de uma perspectiva feminista, tendo a categoria gênero como base para análise dos dados, de modo interseccionalizado com outras categorias como classe, raça, geração, sexualidade e territorialidade. Faz uso de métodos mistos com uma combinação de instrumentos: questionário, grupos focais, entrevistas biográficas e observações de campo. Os achados colaboram para refletir as diferenças e proximidades de gênero nos motivos pela solteirice, prevalecendo motivos relacionais para as mulheres e a escolha convicta pela solteirice para os homens, e apesar da espera ou busca por uma/um parceira/o e uma relação ideal, a vida como uma pessoa solteira e que mora sozinha parece ser satisfatória.

Palavras-chave: solteirice, relações de gênero, motivos para ser solteira/o

Abstract

Single people are often asked about the reasons for non-marriage, in a context where, despite several changes in the field of intimacy, adults are still expected to marry. Based on a thesis study on the subject of singleness in Salvador, this text presents the main reasons for singleness, declared by single middle-class adults who live alone in the capital of Bahia, also discussing their relation between the reasons for living alone and what this double condition of single and living only provides. The study uses a feminist perspective, with the category gender as the basis for data analysis, in an intersectional way with social class, race, generation, sexuality and territoriality. It used mixed methods with a

¹ *Bê* é abreviação de “bebê”, um modo de falar comum em Salvador que ao mesmo tempo expressa carinho e sarcasmo para chamar atenção de uma pessoa.

² O texto foi construído com base no capítulo teórico (Capítulo 1, intitulado “A ‘solteirice’ na contemporaneidade: (re)construindo conceitos) e de dados (Capítulo 4, “Ser solteiro/a e morar sozinho/a em Salvador: práticas e sentidos”), da tese sobre a solteirice em Salvador, defendida por Darlane Silva Vieira Andrade, sob orientação da professora Dra. Maria Gabriela Hita (ANDRADE, 2012), no PPGNEIM/UFBA. A pesquisa teve apoio financeiro da CAPES, incluindo bolsa para realização de estágio doutoral na Universidade de Manchester, no Reino Unido. Este texto traz também dados atualizados que teve prévia apresentada na publicação feita em Anais de congresso (ANDRADE, 2011).

³ Docente no Departamento de Estudos de Gênero e Diversidade da Universidade Federal da Bahia (UFBA), nos cursos de Bacharelado em Estudos de Gênero e Diversidade (BEGD), e no Programa de Pós-graduação em Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismo (PPGNEIM); Integra o Núcleo de Estudos Interdisciplinar sobre a Mulher – NEIM, da UFBA, no Grupo de Pesquisa Cnpq Gênero, Alteridades e Desigualdades (NEIM-GAD); e o Grupo Saúde mental e gênero, da Universidade Federal de Brasília (Unb). Graduada em Psicologia e com Especialização em Psicologia Conjugal e Familiar pela Faculdade Ruy Barbosa; Mestra e Doutora pelo PPGNEIM/UFBA. E-mail: darlane.andrade@ufba.br

⁴ Professora Titular do Departamento de Sociologia, e dos Programas de Pós-Graduação em Ciências Sociais (PPGCS), que atualmente o coordena, como no de Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismo (PPGNEIM) da Universidade Federal da Bahia. Pesquisadora do Conselho Nacional de Ciência e Tecnologia (PQ2-CNPq) no Grupo de Estudos sobre Ciências Sociais, Ambiente e Saúde (ECSAS) no PPGCS-UFBA. Graduada em Sociologia (pela UFBA), tem mestrado em Ciências Políticas (pela Flacso-México) e Doutorado em Ciências Sociais (pela UNICAMP), além de 3 estágios Pós-doutorais na Universidade de Manchester, Reino Unido, com a que vem desenvolvendo diversas redes de intercâmbios. E-mail: mghita63@gmail.com.

combination of instruments: questionnaire, focus groups, biographical interviews and field observations. The findings collaborate to observe gender differences and closeness in reasons for singleness: relational reasons prevailing for women and being single as a choice for men; and despite the expectation or pursuit of a partner and an ideal relationship, life as a single person living alone seems satisfactory.

Keywords: singleness, gender relations;, reasons for being single

Apresentação

Festa de família. Uma mulher na faixa dos 30 anos chega desacompanhada. Ela é uma profissional autônoma, reside sozinha e acabou de chegar de uma viagem internacional.

- *Oi querida, quanto tempo! Tudo bem? Como vai a vida? Está com alguém?*

- *A vida está ótima. Estou solteira. Acabei de chegar de um congresso na Argentina.*

- *Você é tão bonita, inteligente e bem sucedida... Por que está solteira?*

Para os homens, a cena poderia ser: - *E aí, garanhão? Como vai o solteiro da família? Está curtindo muito? Ou: Você ainda está nesta vida de solteiro? Quando vai sossegar?* Comumente, mulheres e homens costumam ser interpelados/os sobre sua condição de solteiras/os, mesmo que de formas diferentes. Buscando responder ao questionamento social, “Por que mulheres e homens adultos/os estão na condição de solteiras/os, em uma cultura que espera que nesta fase da vida, estejam casadas/os?”, neste texto serão apresentadas as principais motivações para ser/estar solteira/o por mulheres e homens adultos/os que moram sozinhas/os em Salvador, que participaram do estudo de tese sobre o tema (ANDRADE, 2012).

O estudo parte da leitura de que este questionamento social é carregado de expectativas construídas com base num sistema patriarcal, cisheteronormativo⁵ e sexista, e interessa observar quais práticas e sentidos são agenciadas por solteiras/os adultos/os nesta cultura, buscando (re)construir a noção de solteirice a partir destes, em contexto baiano. Considera ainda discussões que colocam a solteirice como uma condição existente

⁵ Heteronormatividade é a “base normativa criada a partir de um padrão heterossexual sob a qual se impõe sexualidade, gênero e identidade de gênero, criando um modelo de comportamento socialmente aceito e marginalizando outros grupos que fogem desse ideal” (Amanda ALVES et al, 2019, p.14). Considerando que as normas incluem também a cisgêneridade, deixando as pessoas trans à margem, o termo é ampliado para a “cisheteronormatividade”, como defende a pesquisadora trans, viviane vergueiro (2015). O termo cisgênero se refere à “pessoa que se identifica com o gênero que lhe foi atribuído ao nascer com base no seu sexo designado e no seu papel de gênero; sendo esta uma convenção socialmente aceita” (Amanda ALVES et al, 2019, p. 14). Nas discussões de estudos anglo-saxões consultados sobre solteirice, contudo, o termo mais utilizado ainda é heteronormatividade. Apesar de não incluirmos pessoas trans nos estudos sobre a solteirice em Salvador, consideramos importante demarcar este lugar.

com maior visibilidade num contexto de transformações no âmbito da intimidade – famílias, relações afetivo-sexuais, identidades e modos de viver, possíveis de conviver com as heteronormas.

A noção de solteirice (singleness ou singlehood, em inglês) é considerada como uma construção social e discursiva que compõe identidades e práticas sociais de mulheres e também de homens que, sob esta condição, constroem modos de viver em uma sociedade (cis)heteronormativa que, apesar de muitas mudanças, ainda considera a união conjugal como um preceito a ser seguido (SIMPSON, 2009; REYNOLDS, 2008; TRIMBERGER, 2005; BUDGEON, 2008).

A construção social da solteirice vem sendo feita à luz da ideia do casamento como seu oposto semântico e tem como principal definição a situação da pessoa com relação ao estado civil: o não estar em uma relação marital. Esta definição é que demarca a posição das pessoas em uma estrutura classificatória e sutilmente hierarquizada pelos valores do senso comum, distinguindo as pessoas em diferentes denominações como as de casadas, divorciadas, separadas, viúvas. A partir da ocupação destes distintos lugares é que comumente se organizam comportamentos que por muito tempo, vinham privilegiando quem ocupava o lugar de casada/o.

Jill Reynolds e Margareth Wetherell (2003), ao estudarem o tema das mulheres solteiras em contexto britânico, chamaram a atenção para o fato de que as mulheres casadas ou engajadas em relacionamentos longos com homens eram raramente solicitadas a explicar sobre sua condição, diferentemente de quando elas eram solteiras. Às casadas, não se lhes perguntava, por exemplo, “por que você se casou?” Pelo contrário, das solteiras ainda hoje se espera uma explicação sobre a sua situação, de preferência uma história que fale das “circunstâncias” e “oportunidades perdidas” ou as explicações pela culpa, por ser “incapaz de segurar um homem”, como bem o problematizaram esses estudos e os de Kinnert Lahad (2017), e no campo da saúde mental e gênero, como vem dialogando Valeska Zanello (2018) ao se referir ao dispositivo amoroso – que será discutido adiante.

Na mesma direção de crítica, Shelly Budgeon considera, ainda, que quem não está casada/o ou com

um par, geralmente, não é incluída/o em estudos que focam na maneira como o cuidado e a intimidade são praticados. Mas este viés também reforça a tendência de situar as diferentes formas de relacionamentos em um “valor de relacionamentos postos hierarquicamente, com a parceria sexual no topo seguido de famílias de origem, famílias formadas por amigas/os e assim por diante” (2008, p. 303, tradução livre).

Neste sentido, parece operar uma “ideologia do casamento e da família” (BUDGEON, 2008) ou do “familismo” (GONÇALVES, 2007) em olhares para as práticas de intimidade. O mesmo acontece em estudos na psicologia sobre as fases da vida, comumente vistas como lineares, sendo as relações familiares e conjugais marcas da vida adulta, dando pouco espaço para as vivências de adultas/os solteiras, como problematizado mais especificamente no texto “A solteirice na vida adulta: reflexões para estudos e atuação na psicologia” (ANDRADE, 2016a)

Este tipo de ideologia vem sendo forjado com base em uma sociedade que colocou a família conjugal como o centro, como afirma a historiadora Cláudia Maia, ao se referir de um modo específico, à construção da “solteirona” no século XIX, no Brasil: “numa sociedade em que a família conjugal tornou-se o modelo central. Desde aqui, as mulheres celibatárias só poderiam sair da penumbra e emergirem como uma figura marginal” (2011, p. 25). Estudos sobre a solteirice têm se reportado à história das mulheres, das famílias e do casamento para explicar os lugares que as pessoas solteiras, principalmente as mulheres, ocupavam nas sociedades ocidentais⁶.

Com mudanças sociais importantes no século XIX e início do século XX, no campo da família, destacando a fragilidade do casamento como instituição, a entrada maciça das mulheres no mercado de trabalho (mulheres burguesas e brancas, haja vista que as mulheres pobres e negras já trabalhavam dentro e fora do lar), dentre outras, criou-se a visão de que a solteirice reflete a “crise da família”, em uma sociedade agora egoísta, hedonista e amoral, segundo Rosário Mauritti (2011). Em contrapartida, este fenômeno também começa a ser visto de forma positiva em decorrência de que as relações humanas passam a se configurar de forma diversa e tendem a ser mais horizontalizadas, num contexto de

individualização e democratização das sociedades a partir da segunda metade do século XX (GIDDENS, 1992; CASTELLS, 1999; BAUMAN, 2001a; BECK; BECK-GERNSHEIM, 1990 e outros autores).

Na discussão sobre as transformações da família, François de Singly (2003) aponta dois modelos de família moderna, no século XX: o primeiro tipo, do início do século até o ano de 1960, enfatizava o afeto como eixo centralizado e hierárquico; o segundo se distinguia pelo peso maior dado aos processos de individualização caracterizados pela igualdade entre seus membros. As discussões sobre o tema em contexto brasileiro apontam para a convivência destes dois modelos, o hierárquico e o igualitário, como partes do processo de modernização da família brasileira (MACHADO, 2001; VAITSMAN, 1994).

As análises feministas sobre as mudanças nas famílias se direcionam a questionar o modelo tradicional, tido como um modelo que se sustenta em estruturas sociais patriarcais que não foram superadas apesar da existência de novos arranjos e de identidades mais plurais. Neste sentido, consideram que o modo pelo qual a sexualidade e as relações estão organizadas na sociedade ainda carrega como norma a (cis)heterossexualidade, alimentando uma cultura de casais, um tipo de ideologia que é imposto, de forma sutil, por meio de discursos e normas sociais que naturalizam a sexualidade exercida em relações heterossexuais dentro de uma estrutura familiar (nuclear) e de um casamento tradicional WITTIG, 1992; SWAIN, 2004; RICH, 2010; HITA⁷, 2014; 2005). Assim, quem está fora do casamento tenta gerenciar a vivência da solteirice em uma cultura onde estar em uma relação conjugal ainda é o esperado (AMADOR; KIERSKY, 2003; BUDGEON, 2008; LAI, LIM e HIGGINS, 2015).

Apesar da ideologia da família estar muito presente na nossa cultura, principalmente para adultas/os, há mudanças significativas que têm possibilitado abertura para novos modos de vida e relações, também dentro e fora do casamento. Não somente as práticas das relações conjugais, mas, também, as normas convencionais que serviam de guia para as práticas em torno das sexualidades e os relacionamentos estão se transformando, tendo como resultado o fato de as/os indivíduos/os se tornarem capazes de questionar

⁶ Para consultar estudos históricos que discorrem sobre mulheres solteiras e domicílios unipessoais no Brasil, ver Emanuel Araújo (2006) e Maria Ângela D’Incao (2006). E para discussões mais amplas sobre a construção histórica da solteirice em contexto europeu, ver o capítulo teórico da tese no original (Capítulo 1)

⁷ Maria Gabriela Hita (2014, 2005) constata a centralidade da presença de elementos como o da instabilidade conjugal (associado à maternidade/paternidade de solteiras/os em relações de homens e mulheres) como sendo uma das principais características do tipo de relações de intimidade e sexualidade entre homens e mulheres em arranjos familiares matriarcais chefiados por mulheres.

normas estabelecidas e de exercitarem escolhas no que tange a decisões sobre como organizam suas relações, sexualidades, estilos de vida e identidades, escolhas que podem estar fora das normas de casamento heterossexual, coresidência e filhos (BECK; BECK-GERNSHEIM, 1990; GIDDENS, 1992; BAUMAN, 2001b).

E estar ou optar por ser solteiro/a pode ser uma destas escolhas, uma opção que tem sido vista não somente como uma transição para o casamento ou como a negação deste, mas como um novo estilo de vida e uma nova forma de organização de família. É desde esta perspectiva que utilizamos o termo solteirice com referência ao modo de ser/estar solteiro/a. A solteirice aqui é vista combinada com a moradia unipessoal. Esta combinação vem se configurando como um novo estilo de vida em um contexto onde noções mais positivas têm sido construídas em torno de quem não está em uma relação conjugal, isto porque a imagem de infelicidade que a sociedade atribuía à pessoa solteira e que vivia sozinha tem mudado (SMART, 2007).

Noções mais positivas sobre a solteirice, em especial, sobre mulheres solteiras, começam a aparecer, na década de 1970, com todo o movimento de permissividade, de liberdade de expressão da sexualidade, influenciada pelos ideais de igualdade defendidas pelo Feminismo. No Brasil, Eliane Gonçalves (2007) mostra como têm sido construídas as novas noções de “mulheres sós” no país e como a solteirice relacionada à moradia unipessoal vem sendo considerada um novo modo de viver em contexto urbano, que incorpora os ideais de liberdade, autonomia e independência disseminados pelo Feminismo. Para a autora, o estilo de vida tem a ver com uma maneira de ser ou estar no mundo, de fazer escolhas e viver a vida; é uma forma de vida, adotada para quem quer “viver só” sem, no entanto, que isto implique na negatividade da solidão, e sim, em uma vida com autonomia e independência⁸. Esta noção dialoga com a de Pierre Bourdieu (2003), adotada no estudo: estilo de vida é um conjunto unitário de preferências distintas que exprimem a mesma intenção expressiva, fala de gosto pessoal e de jeito de viver que refletem elementos de uma cultura urbana contemporânea.

⁸ Caminham nesta linha de discussão Cristiane Victorino (2001), ao falar de mulheres (solteiras) que optaram por morar sós no Rio de Janeiro, bem como Luci Mansur (2011) e Ísis Martins (2010) que tratam do tema da solidão de mulheres solteiras que moram sozinhas em contexto urbano, vinculando este sentimento à possibilidade de escolha por estar só e ao crescimento pessoal proporcionado por esta condição.

O estilo de vida tecido em grandes centros urbanos, em um contexto de democratização e individualização das sociedades ocidentais, traz a possibilidade de escolha (individual) como marca. Este é olhado aqui desde uma discussão sobre as dinâmicas relacionais da “Vida Pessoal” (no original em inglês, *Personal Life*) (SMART, 2007) que abarcam as “famílias por escolha” (no original em inglês, *families of choice*) (WEEKS; HEAPHY; DONOVAN, 2001), ou seja, arranjos de relacionamentos que fogem dos moldes convencionais da família nuclear e agregam outras redes de relações que vão além das de parentesco e casamento, incluindo as relações de amizade e a busca por outras formas de relações mais horizontalizadas. Assim, morar só e estar solteiro/a é visto como um entre diversos arranjos com estas características.

Nesta perspectiva, a visão de solidão para quem vive só também é reconfigurada. O termo solidão associado ao estado ou condição de estar solteira/o e à moradia unipessoal tem sido parte de reflexões sociológicas que tratam o fenômeno como “isolamento social” ou situações de “anomia” em segmentos sociais específicos como prevaleceu em análises de meados do século passado. Na demografia, por exemplo, houve o uso da expressão “pirâmide da solidão”⁹, com referência à baixa probabilidade de casamento para mulheres solteiras em função do aumento da idade (BERQUÓ, 1986), e reportagens sobre o tema retratavam a “solidão das mulheres”, como a de Marcelo Neri (2005), *A solidão é senhora*, que discute o aumento do número de mulheres solteiras, descasadas e viúvas. Estudos sobre o tema desconstruem esta noção e apontam que, como experiência social, a “solidão” de solteiras/os que moram sozinhas/os, embora à primeira vista pareça contraditória, está vinculada a uma vida dissociada do isolamento, quando se verificam as redes de sociabilidade possíveis a partir desta condição (MAURITTI, 2011; MARTINS, 2010; JAMIESON; WASOFF; SIMPSON, 2009; ANDRADE, 2007, 2012, dentre outros/as).

Atentamos para o fato de que as visões mais positivas sobre a solteirice têm sido estudadas em grande medida a partir das experiências de pessoas adultas (jovens e maduras) de classes média e alta, de grandes centros urbanos ocidentais, e neste sentido, é importante olhar a solteirice de modo situado – e interseccional, como

⁹ Alguns dados da demografia vão trazer os paradoxos da conquista de independência para as mulheres adultas, quando apontam o descompasso entre o aumento da escolaridade, da renda e também da idade, e a diminuição de oportunidades no “mercado matrimonial” – a chamada “pirâmide da solidão” da que trata Elza Berquó (1986).

discutiremos adiante. Dentre as visões positivas, chama atenção o uso de outros termos por atrizes internacionalmente conhecidas, que buscam romper com estigmas em torno do não casamento, como fez recentemente Emma Watson em reportagem à revista *Vogue* britânica. Ao ser questionada sobre a satisfação com sua vida, próxima a completar trinta anos de idade, afirma estar feliz solteira, o que ela chama de “casada consigo mesma”: “I’m very happy [being single]. I call it being self-partnered”¹⁰. A atriz Gwyneth Paltrow, em 2014, usou o termo “conscientemente sem par” (em inglês, *conscious uncoupling*) para descrever seu estado de solteira após um divórcio (PAGE, 2019). Os termos trazem a ideia do sentir-se completa como indivíduo sem necessariamente precisar de um par amoroso como o caminho para esta completude e felicidade¹¹.

Nos estudos que realizamos sobre o tema (ANDRADE, 2012; 2016a; 2016b), discutimos sobre a (re)construção do conceito de solteirice, seus significados e práticas a partir de suas dimensões, e os dados dialogaram com a literatura aqui posta. Os resultados indicaram as seguintes dimensões: o estado civil, e toda a discussão que envolve a solteirice como contraposição ao casamento e sua transitoriedade (estar solteiro/a); o estilo de vida, que reflete a conquista por independência, autonomia e liberdade, adotado ou experienciado por quem sente que é solteiro/a; solidão como uma dimensão que reflete tanto uma experiência subjetiva pela ausência do outro, como proporciona crescimento pessoal. A liberdade foi o mais importante significado da solteirice, e que esteve nas narrativas sobre todas as dimensões. Combinada com a condição de moradia individual, está relacionada a

possibilidades de fazer escolhas próprias, de agenciamento do cotidiano.

A condição de moradia individual para quem é/está solteiro/a trouxe o significado de conquista de independência econômica e privacidade, onde, na prática, as pessoas podem expressar seu jeito de ser, suas manias, e exercer encontros íntimos neste espaço, estando presente também, nas narrativas, a liberdade como proporcionada por este estilo de moradia. Neste sentido, o estudo desvelou as possibilidades e sentidos em torno de uma vida fora do casamento, que expressa modos de viver em grande centro urbano. Aqui será trazido um recorte em relação aos motivos sobre estar solteiro/a e morar só, discutindo também em que medida estes motivos estão relacionados com as dimensões da solteirice reconstruídas no estudo, dialogando com dados sobre o que a condição de solteiro/a que mora só proporciona para a vida pessoal, observando também como e se as cobranças pelo casamento estão presentes. Para tanto, apresentaremos os aspectos metodológicos e em seguida, os dados.

Caminhos trilhados para estudar a solteirice em Salvador

Salvador é uma cidade que carrega cultura e modos de ser com convivência do novo e antigo, moderno e arcaico, em um país diverso, onde há muitas conquistas em torno dos direitos sociais, principalmente das mulheres, convivendo ainda com a desigualdade de gênero em diversos âmbitos, como no mercado de trabalho e refletida nos dados sobre violência contra as mulheres¹². E também onde a diversidade tem sido marca¹³,

A capital baiana foi conhecida em 2010 como a capital com maior número de pessoas solteiras, com cerca de 45% da população acima de 18 anos vivendo na condição de solteira (IBGE, 2010). Em reportagem mais recente do *Jornal Correio da Bahia*, em 2018, sobre morar só em Salvador¹⁴, informa que no ano de

¹⁰ Com tradução livre, temos: “Estou muito feliz (sendo solteira). Eu chamo de ‘casada comigo mesma’”. Ver reportagem “Emma Watson: ‘I’m very happy being single. I call it being self-partnered’”. By *Vogue*, 4 November 2019. Disponível em: <https://www.vogue.co.uk/news/article/emma-watson-on-fame-activism-little-women> Acesso em 10 dez 2020

¹¹ No Brasil e em outros países, mulheres solteiras tem celebrado o “casamento consigo mesmas” de um modo ritualístico, com uma adaptação do modelo de casamento convencional para um casamento solo, sem valor jurídico, mas com um sentido de firmar compromisso consigo mesma. O tema já foi tratado em novela brasileira e registrado em reportagens, como a da *Uol* sobre a empresária mineira que celebrou sua sologamia em 2019 (<https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2019/05/24/empresaria-mineira-se-casa-com-ela-mesma-para-celebrar-amor-proprio.htm>). O artigo “Happily-ever after: Self-marriage, the claim of wellness, and temporal ownership” das autoras Michal Kravel-Tovi e Kinneret Lahad (2019), analisa como o tema tem sido reportado pela mídia em países ocidentais e o sentido temporal de busca de bem-estar trazido pelas mulheres que se casam consigo mesmas, que clamam por controle sobre seu presente e futuro.

¹² A cada quatro minutos uma mulher é violentada no Brasil, em 2019. Nosso país é o 5º em número de feminicídios no mundo, segundo o mapa da violência, de 2015. Segundo dados do Anuário Brasileiro de Segurança Pública no Brasil, publicado em 2019, os feminicídios correspondem a 29,6% da morte de mulheres em 2018. Foram 1.151 casos em 2017 e 1.206 em 2018, um crescimento de 4% nos números absolutos.

¹³ Dados demográficos têm apontado como os lares brasileiros têm ficado mais diversos, com maior presença de pessoas que moram sozinhas, famílias monoparentais, também de casais sem filhos, além do aumento do número de divórcios e separações (ver dados postos no texto de Andrade, 2016a, p. 60 – 61).

¹⁴ O título da reportagem é “Levanta a cabeça, princesa. Cresce o número de baianas que moram sozinhas”. Disponível em:

2017 foi registrado aumento em 7,7% do número de mulheres que moram sozinhas comparado aos homens: em 2016 eram 355,3 mil mulheres, e em 2017, 382,5mil. A porcentagem geral das pessoas que moravam sozinhas em 2017 somam 832 mil, destes, 54% são homens, e 46% são mulheres. A reportagem sobre o tema ainda traz que no Brasil as mulheres são a maioria morando sozinhas, segundo dados da PNAD, em 2017, “chegando a 51,4% do total de 10,485 milhões de pessoas que moravam sós à época da pesquisa”. Estes dados dialogam com a diversidade de modos de viver, trazidas em dados demográficos de diversas grandes cidades em países ocidentais e discutidos na literatura, como dito em estudos sobre o tema (ANDRADE, 2007; 2012; 2016a).

Em Salvador, o foco do estudo foi a classe média, tendo em vista que a cultura de classe média urbana absorve e expressa os valores individualistas da contemporaneidade, onde diversos modos de viver têm sido adotados, e que também são foco de muitos estudos sobre solteirice (principalmente sobre mulheres solteiras) (no Brasil, destacamos os de TAVARES, 2008; GONÇALVES, 2007 e o de MARTINS, 2010). A classe média urbana é definida por critérios subjetivos como o estilo de vida e os interesses pessoais que se adaptam a uma cultura urbana que passa pelos processos de individualização e “psicologização”¹⁵, onde se inserem também as pessoas intelectualizadas (BOURDIEU, 2003; SOUZA; LAMOUNIER, 2010; VELHO, 1989, 1994, 1995).

No Brasil, o número de lares formados por pessoas que pertencem à classe média tem aumentado desde 1994 e, em 2010, 53% da população pertencia a esta classe social (IBGE, 2010). De acordo com os autores mencionados, a classe média também é definida no Brasil por critérios objetivos que incluem renda (quem recebe mais de três salários mínimos¹⁶), escolaridade (quem tem, pelo menos, um diploma de graduação) e ocupação (ocupações mais intelectualizadas – como profissionais das ciências e das artes). Esta pesquisa

também considerou os critérios dos bairros com melhor infraestrutura, onde vive uma população com rendimentos mais elevados, neste caso, na cidade de Salvador, temos Barra, Graça, Ondina, Pituba, Itaipara, dentre outros (GARCIA, 2009; CUNHA, 1979).

O estudo adotou a perspectiva feminista como base epistemológica. Esta compreende que a construção do conhecimento parte de um lugar situado, desde onde não se propõe neutralidade nem a generalização dos dados, tal como o modelo positivista de ciência defende. O encontro da/o sujeita/o com o objeto de estudo é reconhecido na medida em que a subjetividade faz parte do processo de “objetivação” (HARAWAY, 1995; HARDING, 1996). A abordagem perspectivista (ou do *standpoint*, no original em inglês) reconhece que a construção do conhecimento é corporificada e, assim localiza e nomeia onde estamos nas dimensões do espaço físico e mental. A objetividade feminista neste sentido, trata da “localização limitada e do conhecimento localizado” (HARAWAY, 1995, p. 21, tradução livre).

Nesta perspectiva adotada, a categoria gênero vem somar à crítica feminista à ciência e na construção de uma ciência feminista, como um novo paradigma por trazer um olhar relacional para as diferenças sexuais (MACHADO, 1998). Gênero aqui é concebido, de modo geral, como uma leitura social, discursiva, histórica das diferenças sexuais, percebidas como um primeiro modo de expressar relações de poder (SCOTT, 1988). Também é visto em sua performatividade, na medida em que as identidades são fluidas e se constituem nos atos performáticos, segundo Judith Butler (2003). Esta categoria é adotada aqui em interconexão com outras, tais como classe social, territorialidade, raça, idade/geração, sexualidades/orientação sexual, considerando que nas construções de identidades sociais e na análise dos sistemas de opressão, estas não operam separadamente, como as feministas negras vêm defendendo, e sistematizam a partir do conceito de interseccionalidade (CRENSHAW, 2002).

O conceito de interseccionalidade colabora para olhar as práticas e construções de sentidos agenciados por homens e mulheres solteiras/os desde os contextos multifacetados de onde se situam seus lugares de fala, observando como a experiência da solteirice pode ser diversa e quando há discriminação em torno do estado civil, atentar para o modo como o racismo e sexismo – como o debate sobre a solidão das mulheres negras (PACHECO, 2013), bem como outros sistemas de opressão operam, por exemplo, o etarismo, mantendo a convivência com discursos sociais que ainda cobram

<https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/levanta-a-cabeca-princesa-cresce-o-numero-de-baianas-que-moram-sozinhas/> Acesso em 28 abr. 2018

¹⁵ Gilberto Velho (1989; 1994; 1995) discute que esta é uma característica de uma sociedade que busca por respostas internas para as suas condições de vida. Para o autor, isto pode ser observado, por exemplo, pela crescente busca de terapia, análise e psicoterapia.

¹⁶ À época da aplicação de questionários, em 2011, o salário mínimo era de R\$ 545,00. O valor mínimo de três salários foi adotado considerando critério de classe média por Marcelo Neri (2008) e classificação de renda feita em estudo de Adriana Macedo et al. (2001) em Salvador - que define a renda para classe média soteropolitana como entre 3 e 5 salários mínimos.

das pessoas adultas o casamento, com a valorização da diversidade de modos de ser e de viver dentre eles, estar e ser solteira/o.

Considerando que a solteirice é multifacetada e que os lugares de fala trazem também atributos sociais de identidade, a tipologia de solteirice eleita para o estudo foi aquela experimentada por mulheres e homens solteiras/os que moravam sozinhas/os e não estavam engajadas/os em uma convivência conjugal há pelo menos cinco anos¹⁷, independente das experiências amorosas prévias. Assim, a pesquisa incluiu pessoas separadas, divorciadas, viúvas e as que nunca se casaram; adultas/os (com idade entre 30 e 60 anos), que pertenciam à classe média soteropolitana. Os critérios raça e orientação sexual foram aleatórios.

Considerando que a realidade social é multidimensional, olhar para as práticas e sentidos em torno da solteirice foi possível através de uso de métodos mistos (em inglês, mixed methods), como discute e propõe Jennifer Mason (2006). Assim, os seguintes instrumentos foram utilizados no estudo: na primeira etapa, grupos focais; na segunda, questionários, na terceira, entrevistas biográficas e durante todo o estudo foram feitas observações de campo. Estes foram analisados de modo tanto quantitativo como qualitativo e por meio de análise de conteúdo com base nos principais objetivos do estudo.

As/os participantes da pesquisa foram acessadas/os através do método de "bola de neve", entre os anos de 2010 e 2011. Participaram dos grupos focais três homens e quatro mulheres solteiras/os (faixa etária de 31 a 49 anos; um homem se declarou homossexual; duas pessoas eram recém-separadas/divorciadas na ocasião). Nas entrevistas biográficas, participaram três mulheres e três homens (com idades variando entre 31 e 50 anos; dois se denominaram homossexuais e uma mulher com práticas bissexuais. Duas pessoas eram

separadas/divorciadas há 5 anos à época). Nesta etapa, as pessoas se declararam brancas e pardas, todas residiam em bairros de classe média/alta e exerciam profissões intelectualizadas (historiador/a, professor/a universitária/o, dentista, advogado/a, servidor/a público/a).

Na etapa com aplicação do questionário, participaram 76 solteiras/os (53,9 % de mulheres e 46,1 % de homens), sendo maioria quem nunca se casou (64,5%) e 35,5% eram divorciadas/os/separadas/os. O tempo de moradia individual variou entre 1 e 30 anos, sendo a maioria deles entre dois e cinco anos (42,5%). A idade variou entre 30 e 60 anos, com média 38,9 anos de idade. Incluiu pessoas de diferentes orientações sexuais (a maioria que respondeu ao questionário, contudo, era heterossexual, 90%). 50% da amostra se considerou branca e a outra metade preta, parda e indígena.

Todas/os elas/es eram graduadas/os (42,1% com título de Especialista, 14,5% com Mestrado e 14,5% com Doutorado) e trabalhavam em ocupações mais intelectualizadas (professoras/es, profissionais liberais e outras). A amostra declarou receber entre três e 30 salários mínimos¹⁸. Os bairros de residência eram de classe média/alta em Salvador, tais como, Pituba, Barra, Stella Maris, Rio Vermelho, entre outros. Apresentado o caminho para a construção dos dados e o perfil geral das pessoas participantes do estudo, vamos aos dados e discussões.

Você está solteira/o: porquê, bê?

Para discutir sobre os motivos pelos quais mulheres e homens estão solteiras/os no estudo, retomamos primeiro os dados do questionário sobre o que é ser solteira/o, que vão indicar a liberdade e estilo de vida como marca, como discutido em outras publicações, que apresentam também as falas nas etapas qualitativas do estudo (Darlane ANDRADE, 2012; 2016a; 2016b). Nos questionários, a categorização das respostas para a questão aberta, Para você o que é ser solteiro? (n=58; 39 casos válidos), indicaram liberdade, associada à independência e privacidade (53,4% das respostas, e

¹⁷ Ressaltamos que o critério temporal para definir a solteirice foi construído junto com os dados, especificamente com a experiência dos grupos focais (primeira etapa da pesquisa) em que participaram pessoas que haviam se separado/divorciado há pouco tempo. Estas traziam nas suas falas uma relação mais próxima com o casamento do que propriamente o engajamento em uma vida de solteira/o, diferente das que nunca haviam se casado ou que estavam separadas ou divorciadas há mais tempo, que se aproximavam mais do interesse do estudo. As falas das recém-divorciadas, contudo, possibilitaram refletir sobre as nuances das vivências, opiniões sobre casamento e solteirice, olhando mais para a dimensão do estado civil e a relação que este teria para definir – ou não – o de solteirice. Se naquele momento a relação analítica privilegiou muito mais o contraponto entre o estar ou ser casada/o e solteiras/os, percebemos que a ambiguidade e transição entre ambos estados também acrescenta perspectivas analíticas muito ricas como vários outros estudos o têm feito.

¹⁸ A renda para definir classe média como um dos critérios objetivos foi flexibilizado, tendo em vista a importância de considerar a combinação dos outros critérios, principalmente os subjetivos, para definição de classe social, e por isso incluiu pessoas com rendas variadas, mantendo o mínimo de três salários mínimos (SM) e prevalecendo rendas acima de 5 SM, ou seja, com renda classificada como as de classe alta, por Adriana Macedo et al (2001): na amostra, a média foi 9 SM, 23,7% do total da amostra declarou receber de 3 a 5SM, e 76,3%, acima de 5SM. A inclusão de pessoas de renda alta possibilitou visualizar costumes da chamada classe (média) A/B, como classificou o Critério Brasil (ABEP, 2010).

destas, 58% foram femininas); estilo de vida (22,4% das respostas totais, equilibradas entre homens e mulheres, prevalecendo um pouco mais as respostas masculinas, com 53,9%); estado civil (13,7% do total de respostas, sendo 87,5% destas, mencionadas por mulheres) e solidão (10,5% das respostas, sendo maioria dadas por mulheres: 83,4%). Somadas as categorias liberdade e estilo de vida, temos cerca de 75% do total das respostas, mostrando forte diálogo com a literatura que apresenta a solteirice retrato da diversidade de modos de viver.

Quando foi perguntado sobre as motivações para estar solteira/o nos questionários, o significado da solteirice como liberdade e estilo de vida¹⁹, também foram indicadas como uma das motivações, junto com motivos que denominamos como relacionais, por estarem vinculados a escolhas e experiências no âmbito das relações amorosas/conjugais. Assim, as respostas (n = 183; 72 casos válidos) foram agrupadas sob três motivos: a) relacional (49,1% do total de respostas, e quando comparada por sexo, as mulheres referem a esta numa porcentagem de 56,6%); b) escolha por ser solteira/o e pela liberdade (36,6% das respostas totais, prevalecendo respostas masculinas com 58,6% quando comparada por sexo); e c) dificuldade relacional (14,3%, prevalecendo as respostas femininas quando comparadas por sexo: 69,2%).

No primeiro grupo de respostas, o principal motivo que levou as/os participantes à solteirice foi o relacional que foi categorizado a partir da junção das seguintes respostas: “não encontrei a pessoa ideal/ pessoa certa” (para um relacionamento) e, ainda, a afirmação do ditado “antes só do que mal acompanhado”, na resposta “prefiro ficar só a estar com alguém que não me agrada”. Quando separada por sexo, as mulheres mencionaram o motivo relacional mais do que os homens e neste sentido, o motivo da solteirice pareceria ser mais circunstancial, por se referir à busca de uma pessoa ideal para se relacionar.

Este dado dialoga com os da questão sobre as representações da solteirice, com uma concordância média de respostas à frase as pessoas solteiras procuram por uma pessoa ideal, e que são exigentes na escolha de parceiros/as²⁰, que são postas também

juntamente com as afirmativas de que as pessoas solteiras são independentes e que a solteirice significa ter liberdade, o que pode colaborar para as possibilidades de escolha no campo afetivo. O engajamento em uma relação de cunho afetivo-sexual mais duradoura é esperado por muitos solteiros e solteiras (BUDGEON, 2008; ANDRADE, 2007; 2012; JABLONSKI, 2009; CZERNECKA, 2014). Em um contexto de transformações no campo da intimidade, as pessoas solteiras, principalmente as mulheres, têm a possibilidade de escolher com quem querem se relacionar e que tipo de relacionamento almejam, sendo, assim, consideradas como mais exigentes, o que se tornaria a razão pela qual permanecem solteiras. Pensamos que o perfil das/os participantes e o significado de liberdade que dão à solteirice, também pode colaborar para tal afirmativa, principalmente pelo grau de escolaridade e independência financeira, que pode proporcionar autonomia para escolhas em relação as parecerias amorosas.

Como discutido em estudos anteriores (ANDRADE, 2012; 2016b), para as/os participantes, a busca por uma pessoa ideal está relacionada a atentar para características que falem do jeito de ser desta, mais do que aparência física, e o tipo de relacionamento almejado tem sido posto como aquele que possibilite preservar a liberdade (relacionada à autonomia e individualidade) tão cara à vida de solteira/o. Um tipo de relacionamento visualizado, neste sentido, é o da moradia em casas separadas, por exemplo: “Eu tinha um sonho de consumo de casar, e a pessoa morar na casa dela, eu na minha” (Rafael, 47 anos, pardo, heterossexual, empresário, soteropolitano, nunca se casou e já foi noivo, participou do Grupo Focal 3).

Outra discussão aponta para os desafios enfrentados no âmbito dos relacionamentos quando as “novas mulheres” se deparam com “antigos homens” que ainda consideram que há “mulheres para casar” e “mulheres para fazer sexo sem compromisso” (TAVARES, 2008; ANDRADE, 2007). A escolha pela solteirice pode ser também paradoxal, e do mesmo modo relacionada com o casamento, como sugerem os

independentes (2,82, sendo a média das repostas femininas 3,0, e masculinas 2,56) e que *a solteirice significa ter liberdade* (2,77, com média das respostas femininas 2,35 e das respostas masculinas, de 1,75); b) que *as pessoas solteiras buscam uma pessoa ideal* (média geral de 2,24, com respostas próximas entre os homens e as mulheres: femininas, 2,25; masculinas, 2,24); c) que *as pessoas solteiras são exigentes na escolha de parceiros/as* (média geral de 2,22; média das respostas femininas: 2,35 e das respostas masculinas: 2,09); d) e que *têm muita liberdade sexual* (média geral de 2,02; média das respostas masculinas; e femininas, 1,7)

¹⁹

²⁰ Na Questão 48 do questionário, foi solicitado que, dentre onze afirmativas, as pessoas avaliassem o grau de concordância com as frases propostas, de 0 a 4, sendo que 0 representava grau de concordância nulo e 4, concordância máxima. Os resultados mostram a média das respostas para cada item. As respostas (n=76) apontaram que há um grau de concordância médio no que se refere a considerar: a) que *as pessoas solteiras tendem a ser*

resultados do estudo de Lewis e Moon (1997), que tiveram como resposta para a pergunta “Você está solteira por escolha?”, o “sim” e o “não”, curiosamente com a mesma explicação para as respostas: “Sim, estou solteira por escolha, porque eu não encontrei ninguém com quem eu queira casar”; “Não, não estou solteira por escolha, porque eu não encontrei ninguém com quem eu queira casar” (apud REYNOLDS, 2008, p. 98, tradução livre), o que pede um olhar mais atento para as contradições destas escolhas pela solteirice e os agenciamentos possíveis em torno também da escolha por uma pessoa ideal para se construir uma relação conjugal.

O segundo grupo de respostas tem o motivo escolha pelo estilo de vida e liberdade e agruparam as respostas: “gosto da liberdade que a vida de solteiro/a me proporciona”, (estar solteiro/o) “por opção”, e “não quero me casar/vivenciar uma relação conjugal”. Quando separado por sexo, este motivo foi mencionado um pouco mais por homens do que por mulheres, como posto. Nas entrevistas, Logan (35 anos, pardo, homossexual, historiador, professor e artista, soteropolitano, já foi casado e morou junto, participou da etapa de entrevista biográfica) e Natália (41 anos, parda, heterossexual, nutricionista, soteropolitana, nunca se casou, participou Grupo Focal 1) afirmam no momento de realização do estudo, uma convicção pela escolha sobre a solteirice: “Quero continuar feliz como estou, solteira” (Natália). Logan, inclusive defende que vive uma “solteirice absoluta” como uma necessidade existencial de ficar só e vivenciar outras formas de se relacionar (mais esporádicas).

A motivação pela solteirice por opção, por escolher não se casar e desfrutar da liberdade que está vinculada a esta condição, reafirma a dimensão da solteirice como um estilo de vida. Chama atenção o fato de que, quando uma mulher fala da escolha pela solteirice, e nega o casamento, isto pode soar estranho possivelmente porque socialmente não é tão comum uma mulher “de verdade não querer se casar”, especialmente em contexto soteropolitano com tendência mais conservadora que mentalidades de outras culturas: quando Natália, em um grupo (focal), na presença de homens e mulheres solteiras, afirmou a opção pela solteirice, ela foi questionada por homens presentes (dois homens heterossexuais especificamente), que sugeriram que o mais provável seria que ela, “bem no fundo... gostaria mesmo de se casar” (sic). Ao final da conversa no grupo, ela, talvez para atender aos questionamentos, ou porque ficou convencida e terminou reconhecendo ou ainda como resultado da negociação da identidade com a qual

finalmente desejava ser vista nesse grupo, afirmou que pode até vir a querer se engajar em uma relação estável, no futuro, contanto que tal relação não ameace, mas mantenha e respeite a sua individualidade. Ela disse: “Pronto, eu queria uma coisa estável, mas assim, com a preservação da individualidade. Pronto”. Com esta resposta, eles pareceram se sentir contemplados, expressando um ar de satisfação e aceitação da fala de uma mulher solteira (heterossexual) que agora afirmou que busca uma relação.

A postura de Natália reflete construções de estratégias usadas por solteiras/os para viver em uma sociedade que, em algumas ocasiões e para/com certos grupos, ainda espera delas/es o casamento, principalmente para as mulheres (e no exemplo dado, houve uma interpelação de homens heterossexuais sobre uma mulher também heterossexual, e não das outras mulheres, talvez como reflexo das heteronormas e cultura de casais). Neste sentido, parece ser mais aceito uma mulher falar que está solteira porque não encontrou alguém do que afirmar que optou por um modo de viver em que o casamento não é incluído. Esta negação do casamento seria, de certo modo, também negar o “ser mulher”, já que este “tornar-se mulher”, como propõe Simone de Beauvoir (1980), tem significados culturais que colocam a mulher no lugar de cuidadora – da família, do casamento e dos filhos. E fora deste lugar, ela pode ser considerada um “abjeto”, com “o outro”, um “abject single” como discutem Ai-Ling Lai, Ming Lim e Matthew Higgins (2015) a partir de leitura butleriana da solteirice e dados de entrevistas de solteiras/os britânicas/os sobre como negociam esta posição frente a um contexto (ainda) heteronormativo.

Além do que traz a literatura, as práticas sociais podem mostrar que muitas mulheres rompem com o discurso de gênero em relação à naturalização de que elas têm como destino e desejam se casar e ter filhos, e elegem a solteirice por opção, flexibilizando e transgredindo, assim, normas de gênero, e de certa forma, aproximando-se das dos homens. Para eles, contudo, parece ser mais aceito socialmente a assunção da opção por um estilo de viver em que o casamento não é presente, porque culturalmente o que se espera é que performatizem identidades voltadas para atuação no âmbito público, que invistam na carreira profissional e adotem comportamentos “mais livres”, boêmios, que socialmente a vida de solteiro representa.

O terceiro grupo de respostas foi categorizado como dificuldade relacional e engloba as respostas “tive decepções amorosas anteriores e não quero repeti-las” e “tenho alguma dificuldade de me relacionar”. Nos

grupos focais, o tema não apareceu de modo marcante, e sim nas entrevistas biográficas. Episódios de decepções amorosas foram vivenciados por homens e mulheres, ao longo de suas trajetórias de vida, e alguns destes levaram a adoecimento psíquico, como a presença de depressão, principalmente para as mulheres. Contudo, estes não parecem ter sido impedimento para o envolvimento em outras relações amorosas, nem de manterem uma expectativa em relação à união conjugal, mas sim, proporcionaram aprendizado e amadurecimento, haja vista que todas/os as/os participantes entrevistadas/os mencionaram ter algum tipo de relacionamento atual (ficante, amante, namorado/a) e boa parte almeja ter uma relação conjugal no futuro. Chama atenção, contudo, de que, nos questionários, apesar de ser um grupo pequeno, as mulheres mencionaram mais a dificuldade relacional como motivo para a solteirice do que os homens, refletindo as implicações subjetivas das construções de gênero e os processos de adoecimento. Estes aspectos merecem investigações mais aprofundadas, no entanto, não foi o propósito deste artigo.

Assim como diversas autoras discutem sobre as construções identitárias das mulheres, que se dão a partir das relações e do aprendizado do exercício do cuidado (como GILLIGAN, 2001; ZANELLO, 2018), a partir de um olhar do binarismo estratégico, aponta como a cultura ensina a mulher a amar, principalmente os homens, para se reconhecer como mulher, tendo sua identidade operando no dispositivo amoroso, sendo observado também no conteúdo das principais queixas das mulheres adoecidas psiquicamente²¹. Para a autora, o dispositivo amoroso

apresenta-se como um caminho privilegiado de subjetivação para as mulheres em nossa cultura, significa dizer que as mulheres se subjetivam, na relação consigo mesmas, mediadas pelo olhar de um homem que as ‘escolha’. Isto é, o amor, ser escolhida por um homem, é um fator identitário para elas [...] Em nossa cultura, os homens aprendem a amar muitas coisas e as mulheres aprendem a amar, sobretudo, e principalmente, os homens. (p. 84)

²¹ O tema saúde mental não foi foco deste estudo e por isso não foi explorado. Para leitura, recomendamos o livro de Valeska Zanello (2018), “Saúde mental, gênero e dispositivos: cultura e processos de subjetivação”, que chama atenção para a importância de utilizar gênero na análise dos processos de adoecimentos de homens e mulheres. A partir de experiência clínica e pesquisas, observa como as queixas das mulheres com sofrimento mental estão relacionadas às dificuldades no âmbito das relações amorosas e com a maternidade; e as queixas dos homens, à vida laborativa e sexual. A autora desenvolve, assim, arcabouço teórico sobre os processos de subjetivação das mulheres (pelos dispositivos amoroso e materno) e dos homens (pelo dispositivo da eficácia) discutindo como estes estão vinculados ao adoecimento mental, bem como ao processo de construção identitária.

Esta perspectiva colabora para pensar sobre as mulheres do estudo mencionarem, mais do que os homens, que estão solteiras por motivos relacionais (incluindo as dificuldades relacionais): porque não encontraram alguém ideal, uma relação ideal ou tem alguma dificuldade de se relacionar. Estes motivos relacionais podem ser observados também a partir do protagonismo das mulheres em gerenciar as escolhas no campo das relações, como traz a britânica Jill Reynolds (2008), e considerando o quão as mulheres no estudo em Salvador, mencionam a liberdade, autonomia, etc., como elementos presente na sua situação e condição de solteiras que moram sozinhas (Darlane ANDRADE, 2012), também exercem seu protagonismo. Neste sentido, podemos pensar nos desafios de vencer barreiras de comportamentos mais convencionais de gênero, para as mulheres solteiras em um contexto em transformação constante. Além do que, pode também mostrar a centralidade para as mulheres, para suas construções identitárias, da busca por uma relação amorosa e o sofrimento que pode estar presente também neste âmbito da vida.

No estudo de Jill Reynolds (2008) com mulheres solteiras em contexto britânico, as entrevistadas informaram que transitam entre escolhas e diferentes possibilidades em torno da solteirice, apresentando os seguintes discursos: o da espera por serem escolhidas, incluindo a dificuldade de se relacionar; o da afirmação de não quererem se casar, por terem vivenciado experiências amorosas ruins no passado ou por não terem o desejo de estar em uma relação de casamento; o discurso de que há o desejo de estar em um relacionamento, mas encontram dificuldades para enfrentar os desafios de serem independentes e temem perder a liberdade que conquistaram; por fim, o de escolherem o tipo de pessoa e de relacionamento que consideram ideais para se engajar. Estes repertórios foram analisados pela autora como trazendo possibilidades de lidar com o dilema de se apresentar como tendo agenciamento, poder e controle sobre suas escolhas, e se aproximam dos estudos baianos e outros em contexto brasileiro, já mencionados.

Em relação aos homens, no estudo, estes afirmaram a solteirice um pouco mais como estilo de vida, e nas entrevistas, quando apontaram sinais de dificuldades em relação à condição de solteiros, reportavam a idade ser considerada um limite para a solteirice, para homens na faixa etária dos 40 anos, e por isso alguns afirmaram a vontade de sair desta condição, escolhendo também estilos de relacionamentos que não permitam preservar a individualidade, como aquele em casa separadas; para os homossexuais, a dificuldade apresentada foi a vivência da solteirice com limitações

de exercício de sexualidade e sociabilidades em espaços públicos em função do preconceito vivido em Salvador.

Por fim, o que a vida só proporciona?

A título de complementação da discussão, e caminhando para a finalização do texto, trazemos aqui algumas reflexões sobre a relação entre os motivos pela solteirice e por morar sozinha/o, e o que a solteirice proporciona para a vida das/os participantes do estudo, dialogando com as suas dimensões.

Nos questionários, as pessoas declararam os motivos pelos quais estão morando sozinhas (n = 168; 68 casos válidos): por terem condições financeiras que possibilitem arcar com este estilo de vida, 26,8%; para ter mais privacidade, 24,4%; para desfrutar de liberdade, 23,2%; e de independência, 22%. Algumas (poucas) respostas mostraram que o morar só foi também uma alternativa por não terem encontrado alguém para dividir a moradia (3,6%). Quando analisados por sexo, estes motivos apresentam mais proximidades do que diferenças: homens e mulheres estão morando sozinhos/as para desfrutarem de independência, liberdade e por terem condições materiais para arcar com este estilo de vida, com percentual de respostas um pouco maior no grupo dos homens para o fato de ter condições materiais, 51,1%; desfrutar de liberdade, 51,3%; e de privacidade, 56,1%. Já as mulheres apontaram porcentagem de respostas um pouco maior para o fato de morarem sozinhas para desfrutarem de independência, 51,4%, e com diferença maior por não ter com quem dividir a moradia, 66,7%, apontando que morar só, neste sentido, não foi algo tão almejado (o que não necessariamente quer dizer que o lar seria compartilhado por parceira/o conjugal).

Nas falas sobre a moradia individual, esta foi vista pelas/os participantes, no geral, como uma conquista, fruto da trajetória de investimento no estudo e trabalho, também vista como um caminho para amadurecimento e aprendizado. Isto retrata costume de classe média e expectativas sociais para a vida adulta – de que as pessoas adquiram independência financeira e afetiva (em relação à família de origem) (CAMARANO et al., 2006; AYLMER, 2001; GUERREIRO; ABRANTES, 2005) e que aproximam experiências de homens e mulheres do estudo. Também reporta à adoção de um modo de viver com liberdade, por possibilitar o agenciamento da rotina, expressão de jeito de ser e das relações de intimidade, como foi visto nas entrevistas biográficas e grupos focais do estudo de tese, e como

uma tendência dos estilos de vida contemporâneos em grandes centros urbanos.

Morar só também pode proporcionar mudanças de perspectivas em relação ao casamento, e este foi um fator que motivou uma participante do estudo a desistir do seu projeto de casar:

Natália - [...] quando eu fui morar nesse apartamento, minha irmã foi morar comigo. Então, há cinco anos atrás, eu tinha um desejo de casar: vou morar na minha casa agora e, no meu quarto, eu botei uma cama de casal, eu botei um armário com quatro portas, tudo direitinho. Eu comprei uma geladeira grande. Aí, aconteceu sabe o quê? Aí minha irmã morou comigo uns dois anos. Morava do lado. [... ela] Foi morar sozinha. Eu disse: 'Vá morar na sua casa que agora eu quero morar sozinha'. E aí ela foi, e o que aconteceu? Foi que eu gostei de morar sozinha e aí eu comecei a rever os meus conceitos. 'E, mas essa vida tá boa demais'. Entendeu? Aí pronto. Aí eu comecei a pensar diferente. (41 anos, parda, heterossexual, nutricionista, soteropolitana, nunca se casou; participou de grupo focal)

Outra questão interessante a trazer da pesquisa é sobre o que as/os participantes apontam que a condição de solteira/o lhes tem proporcionado. As respostas dos questionários sinalizaram que, apesar da busca de uma pessoa ou um relacionamento ideal ser o principal motivo pelo qual as pessoas afirmaram estarem solteiras, a solteirice e o morar só tem proporcionado uma experiência de vida com liberdade, privacidade e praticidade – características discutidas como fazendo parte de modos de viver de classe média urbana, em cultura ocidental.

Quando perguntado “o que o fato de estar solteira/o neste momento lhe proporciona?”²², tal como para o morar só, as respostas relacionadas a independência, liberdade e manter a privacidade, confirmam, aqui, as discussões sobre a dimensão da solteirice como estilo de vida e liberdade. As médias das respostas mais significativas estiveram relacionadas a: liberdade de fazer o que quero (2,65); ter mais privacidade (2,53); não ter que dar satisfação a ninguém (2,50); facilidade para organizar meus horários (2,50); e oportunidade para investir em mim mesmo/a (2,44). Outros foram: ter mais tempo livre (2,37); ter uma vida prática (2,28); bem-estar geral (2,1); possibilidade de criar e manter manias (2,1); estabilidade financeira (2,0); e crescimento pessoal (2,0).

²² Foram elencados alguns itens para que cada pessoa avaliasse o quanto a solteirice proporciona para cada um (*nada*, *pouco*, *mediano*, *muito*, representados respectivamente pelos números de 0 a 3), e a partir daí, foram tiradas médias das respostas.

Os aspectos apontados como pouco presentes na condição de solteira/o foram as oportunidades para o exercício da sexualidade (média geral 1,32) e alguma dificuldade para encontrar parceiros/as sexuais quando querem (média de respostas: 1,19)²³. A solidão apareceu, também, como algo pouco proporcionado pela vida de solteiro/a (média 1,16), desconstruindo, assim, a ideia de que solteiros/as que moram sozinhos/as são solitários no sentido negativo.

Outros aspectos negativos como insegurança, constrangimento, tristeza e discriminação pela sociedade e família além de conflitos familiares e cobrança para o casamento não foram considerados como algo proporcionado pela condição de solteiro/a na vivência das/os solteiras/os baianas/os do estudo (média abaixo de 1,0), reafirmando as concepções mais positivas sobre estar solteiro/a, e que no cotidiano, as cobranças pelo casamento têm sido amenizadas, apesar de ainda existirem (como esteve no diálogo trazido em um dos grupos focais).

Concluindo... E abrindo caminhos

Diante dos dados apresentados, parece que o diálogo no início do texto poderia terminar sendo reeditado assim para as mulheres:

- *Estou solteira porque prezo minha autonomia, liberdade, segurança das que não abro mão, e porque ainda não encontrei a pessoa ideal para ter um relacionamento estável, que ainda espero encontrar. Até essa pessoa não chegar, continuarei desfrutando feliz da minha vida de solteira, morando sozinha, e sem nada que ameace minha liberdade!*

E para os homens:

- *Nada tenho contra relacionamentos estáveis e pode ser que adiante me case. Mas estou solteiro agora porque escolhi este estilo de vida, e estou bem assim, pelo momento!*

Ou para parte das mulheres, a resposta poderia se desenrolar como fez a atriz Emma Watson, afirmando a solteirice independente da escolha ou espera por um par: – *Sou solteira e feliz!* Contudo, parece que a opção

mais convicta das mulheres pela solteirice num contexto baiano (diverso, mas ainda com traços familistas), ainda é tímida, visto que parece ser mais aceito socialmente o fato das mulheres solteiras estarem nesta condição de modo temporário (a frase, então, seria “*Estou solteira e feliz*”) e que as baianas estão buscando uma relação conjugal, escolhendo ativamente com quem e como querem se relacionar. A vivência deste período como solteira (que mora sozinha), contudo, proporciona mais bem-estar do que insatisfações, pela liberdade presente em diversos aspectos no agenciamento da vida cotidiana, colocando-as num lugar de privilégio em certa medida.

Os dados do estudo são situados, como propõe a perspectiva feminista para construção do conhecimento, e assim, se referem a um grupo específico de solteiras/os localizado desde um contexto baiano de classe média, adultas/os, heterossexuais em sua maioria, com quantitativo equilibrado em termos raciais, e que participaram da pesquisa na primeira década deste milênio (sem *WhatsApp* nem aplicativos de encontros, acessíveis pelo celular). Nas narrativas e nas respostas quantitativas, algumas nuances foram trazidas para melhor compreensão aqui dos motivos declarados pela solteirice, combinados com morar só, e o que chama atenção são os atravessamentos de gênero e classe social nas respostas sobre estes motivos, tendo gênero perpassando as proximidades e diferenças mais no que tange as motivações pela solteirice, e a classe social, pela moradia individual.

Os motivos para mulheres e homens estarem solteiras/os sinalizaram permanências nas normas de gênero, pelos motivos relacionais ditos mais pelas mulheres, mostrando injunções do dispositivo amoroso, da expectativa social para o casamento, que fará a mulher se sentir “mais mulher”, saindo da sua condição de “abjeto”, ou pelas cicatrizes emocionais no âmbito das relações amorosas; e os da solteirice como o foco em si da escolha (por opção, pela liberdade proporcionada por esta condição e pelo não desejo pelo casamento), prevalecendo entre as respostas masculinas, dialogando com expectativas em torno das construções hegemônicas de masculinidades, ou seja, a espera que homens tenham uma vida dissociada do âmbito privado, do lar, e mais voltada para si, e para fora do lar. Neste sentido, as explicações

²³ Estas discussões estão postas com mais detalhes no capítulo 6 da tese e em artigo publicado sobre o tema (ANDRADE, 2016b), sinalizando que apesar da afirmativa de que a solteirice tem proporcionado para o grupo de participantes, poucas oportunidades para o exercício da sexualidade, em geral, solteiros e solteiras se relacionam sexualmente com namorados/as, amantes, *ficantes*, amigos/as “coloridos”, ex-companheiros/as e se masturbam.

em torno dos motivos sob os quais estão solteiros podem não ter tanto peso, nem os homens serem tão cobrados pelo casamento ou para dar uma explicação sobre sua condição de solteiros, como para as mulheres.

Os dados sinalizaram algumas transgressões por parte das mulheres, aproximando-as dos comportamentos masculinos, quando também escolhem a solteirice em detrimento do casamento, afirmando igualmente que consideram a solteirice como liberdade e estilo de vida, o que certamente incide sobre as escolhas amorosas – e se não encontram pessoas e relações que satisfaçam suas expectativas, preferem se manter solteiras; e talvez para alguns homens, por quererem uma relação conjugal por terem “chegado à idade”. Aí a ideia de eles buscarem “sossegar”, que tem uma conotação sexual forte, já que a imagem do homem solteiro é a daquele ativo sexualmente; neste sentido, a solteirice tem um “prazo de validade” mediado pela idade/geração.

A condição de moradia individual e motivos declarados por morar só, aproximou mais as vivências de solteiras e solteiros em função do gênero e da classe social, por afirmarem a escolha por este tipo de moradia ter sido feita como uma conquista primeiro financeira, vista pelo investimento em estudos e trabalho, como afirmação da condição de classe e que reflete no poder de escolha pelo estilo de vida e gerenciamento da rotina, proporcionando assim, privacidade, liberdade e independência – elementos presentes nos modos de viver das camadas médias urbanas brasileiras, como discute Gilberto Velho (1989; 1994; 1995), e como tem sido presente em pesquisas sobre modos de viver de solteiras/os dentro e fora do país (vista nos estudos aqui consultados). Mostra também a importância da independência financeira para as mulheres, expressando o sucesso da disseminação do discurso feminista por liberdade e autonomia principalmente para elas (nós), para possibilitar que façam (façamos) escolhas.

O contexto de classe, contudo, parece ter diminuído a percepção sobre as injunções da raça nestas vivências, pelo lugar de privilégio da branquitude – apesar de que, de modo equilibrado, a amostra foi composta por pessoas brancas e não brancas – que performatizam modos de viver a solteirice em Salvador. Futuramente

vale fazer um cruzamento de dados, considerando controlar em maior profundidade a variável raça. De modo interseccional, as variações de idade dentro do grupo de adultas/os também merece atenção futura, observando melhor sob quais subgrupos (de adultas/os jovens e maduras, dentro da classe média) as cobranças por explicações sobre a condição atual de solteirice estão presentes e como as vivências são expressas e de como dimensões temporais ou geracionais podem levar a diferentes tipos de comportamentos no que refere ao estilo de vida desejado e escolhido e maior disposição para procurar relações mais estáveis, especialmente no caso dos homens. Serão as mulheres por acaso igualmente beneficiadas da opção de encontro de relações mais estáveis à medida que a idade avança? Ou como colocado alguma vez por Elza Berquó (1986) neste sentido a pirâmide da solidão vai cada vez mais afetando as mulheres e menos os homens? E qual o peso da classe e da raça nestas escolhas?

Olhar para os motivos de estar solteiro/a, morar só e o que esta condição proporciona, possibilitou dialogar com os paradoxos de um contexto em constante transformação, dentro de uma cultura ainda (cis)heteronormativa, mas desde onde algumas rupturas são possíveis. E estar solteira/o morando sozinha/o parece ser uma delas: ao passo que rompe com perspectivas de casamento e família na ação de ser/estar solteira/o, também atende ideais de um estilo de vida urbano contemporâneo – mais individualista, flexível, prático e diverso, como trazido pela literatura e debates apresentados nas primeiras sessões deste artigo.

Parece que, para conviver nesta cultura paradoxal, as pessoas solteiras transgridem na prática, fazendo e vivendo a solteirice e a moradia individual com satisfação, desfrutando do privilégio da liberdade que sinalizaram que esta dupla condição proporciona; no discurso, a expectativa por um par é presente e, em alguns momentos, junto com a afirmação da escolha convicta pela solteirice. A busca relacional pode também estar presente na prática social, contudo, não nos parece ser fator que colabore para a vivência da solteirice com pesar, como acontecida há algumas décadas atrás.

Por fim, consideramos que o estudo colabora para dar visibilidade às pessoas solteiras, conhecendo suas

práticas e sentidos atribuídos à condição de solteirice que tem sido posta aqui em suas dimensões, combinada com a moradia individual, vista de modo mais positivado em contexto baiano, refletindo sobre o cenário brasileiro e dialogando também com a literatura internacional sobre o tema, desde uma perspectiva feminista e interdisciplinar. A pesquisa possibilita refletir sobre adoção de metodologias que colaborem para o estudo do cotidiano em sua complexidade e tecer análises críticas sobre os caminhos percorridos para construção de dados nesta seara. Pela complexidade do tema, o estudo da solteirice e suas nuances merece continuidade.

Referências

- ALVES, Amanda A; AZEVEDO, Bruna G.; SILVA, Diogo S.; et al. (org.) *Psicologia, sexualidades e identidades de gênero: guia de referências técnicas e teóricas*. Salvador: CRP-03, 2018. Disponível em: <<https://www.crp03.org.br/wp-content/uploads/2019/01/CRP03-Cartilha-Psicologia-Sexualidades-e-Identidades-de-G%C3%AAnero-1.pdf>> Acesso em 5 mar 2019
- AMADOR, Xavier; KIERSKY, Judith. *Ser solteiro(a) num mundo de casados*. São Paulo: Gente, 2003.
- ANDRADE, Darlane Silva Vieira. *A solteirice na vida adulta: reflexões para estudos e atuação na psicologia*. Em: DENEGA, Alessa; ANDRADE, Darlane S. V.; DOS SANTOS, Helena M.(org.) *Gênero na psicologia: saberes e práticas*. Salvador: CRP-03, 2016a, p. 54 - 83
- ANDRADE, Darlane S.V. *Solteiras(os) procuram? Sobre sexualidade e solteirice em Salvador*. *Revista Feminismos*. Vol.4, N.3, Set. – Dez. 2016b
- ANDRADE, Darlane Silva Vieira. *A “solteirice em Salvador”: desvelando práticas e sentidos entre solteiros/as de classes médias*. Tese (Doutorado em Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismo) □ Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre Mulher □ NEIM, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2012
- ANDRADE, Darlane Silva Vieira. *Solteiros e solteiras que moram sozinhos/as em Salvador: análise preliminar dos motivos declarados por estarem sós*. Anais. 16º Encontro Nacional da Abrapso. Recife: UFPE, 2011 Disponível em: <https://www.encontro2011.abrapso.org.br/trabalho/vie_w?q=YToyOntzOjY6InBhcmFteyI7czozNToiYT0xOn>
- ANDRADE, Darlane Silva Vieira. *Dando voz à diversidade: um estudo sobre pessoas solteiras em Salvador*. 2007, Salvador. Dissertação (Mestrado em Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismo) □ Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre Mulher NEIM, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2007.
- ARAÚJO, Emanuel. *A arte da sedução: sexualidade feminina na colônia*. Em: DEL PRIORE, Mary (Org.). *História das mulheres no Brasil*. 8. ed. São Paulo: Contexto, 2006. p. 45-77.
- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EMPRESAS DE PESQUISA - ABEP. *Critério de Classificação Econômica Brasil*. São Paulo: Associação Brasileira das Empresas de Pesquisa, 2008. Disponível em: <<http://www.abep.org/novo/Content.aspx?ContentID=301>>. Acesso em: 25 maio 2012.
- AYLMER, Robert. *O lançamento do jovem adulto solteiro*. In: CARTER, Betty; MCGOLDRICK, Monica e cols. *As mudanças do ciclo de vida familiar: uma estrutura para a terapia familiar*. 2. ed. São Paulo: Artmed, 2001. Cap. 9, p. 169-179.
- BERQUÓ, Elza. *Pirâmide da solidão?* In: Encontro Nacional de Estudos Populacionais da Associação Brasileira de Estudos Populacionais (ABEP), 5. São Paulo, out. 1986.
- BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- BUDGEON, Shelly. *Couple culture and the production of singleness*. *Sexualities*, v. 11, n. 3, p. 301-325, 2008.
- BOURDIEU, Pierre. *Gosto de classe e estilo de vida*. In: ORTIZ, Renato. (Org.). *A sociologia de Pierre de Bourdieu*. São Paulo: Olho d’Água, 2003.
- BECK, Ulrich; BECK-GERNSHEIM, Elisabeth. *El normal caos del amor*. Barcelona: El Roure, 1990.
- BAUMAN, Zigmunt. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001a
- BAUMAN, Zigmunt. *Amor líquido*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001b.
- FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. *Anuário brasileiro de segurança pública 2019*. ano 13 2019 Disponível em

<http://www.forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2019/10/Anuario-2019-FINAL_21.10.19.pdf> Acesso em 10 nov 2019

CAMARANO, Ana Amélia et al. O processo de constituição de família entre os jovens: novos e velhos arranjos. In: _____. Transição para uma vida adulta ou vida adulta em transição? Rio de Janeiro: IPEA, 2006.

CASTELLS, Manuel. O fim do patriarcalismo: movimentos sociais, família e sexualidade na era da informação. In: _____. A era da informação: economia, sociedade e cultura. 3. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999. v. 2 □ O poder da identidade; Cap. 4.

CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. Revista Estudos Feministas, v. 10, n. 1, p. 171-188, 2002.

CUNHA, Mercedes. Dados para uma avaliação de currículo do curso de Psicologia da UFBA: caracterização do aluno, análise das condições de ensino oferecidas pela Instituição. 1979, Salvador. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 1979

CZERNECKA, Julita. Single and the city. Poland: Jagiellonian University Press, 2014

D'INCAO, Maria Ângela. Mulher e família burguesa. In: DEL PRIORE, Mary (Org.). História das mulheres no Brasil. 8. ed. São Paulo: Contexto, 2006

DE SOUZA, Amaury; LAMOUNIER, Bolívar. A classe média brasileira: ambições, valores e projetos de sociedade. Rio de Janeiro: Elsevier; Brasília, DF: CNI, 2010.

DE SINGLY, François. Sociologia da família contemporânea. Rio de Janeiro: FGV, 2003.

EMMA WATSON: "I'M VERY HAPPY BEING SINGLE. I CALL IT BEING SELF-PARTNERED". By Vogue, Londres, 4 Novembro 2019. Disponível em: <<https://www.vogue.co.uk/news/article/emma-watson-on-fame-activism-little-women>> Acesso em 10 dez 2020

FERREIRA, Franciny. Empresária mineira se casa com ela mesma para celebrar amor próprio. Uol. Belo Horizonte, 24 maio 2019, 2019. Disponível em <<https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2019/05/24/empresaria-mineira-se-casa-com-ela-mesma-para-celebrar-amor-proprio.htm>> Acesso em 10 dez 2019

GARCIA, Antonia. Desigualdades raciais e segregação urbana em antigas capitais: Salvador, cidade d'Oxum e

Rio de Janeiro, cidade de Ogum. Rio de Janeiro: Garamond, 2009.

GIDDENS, Anthony. A transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas. São Paulo: UNESP, 1992.

GILLIGAN, Carol. Uma Voz Diferente. Psicologia da diferença entre homens e mulheres da Infância a Idade Adulta. Rio de Janeiro: Editora Rosa dos Ventos, 2001

GONÇALVES, Eliane. Vidas no singular: noções sobre "mulheres sós" no Brasil contemporâneo. Campinas, 2007. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) □ Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2007. Disponível em: <http://www.agencia.fapesp.br/arquivos/vidas_no_singular.pdf>. Acesso em: 10 jun. 2011.

GUERREIRO, Maria das Dores; ABRANTES, Pedro. Como tornar-se adulto: processos de transição na modernidade avançada. RBCS, v. 20, n. 58, p. 157-212, jun. 2005.

HARAWAY, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. Cadernos Pagu, Unicamp, Campinas, v. 5, p. 7-41, 1995. Disponível em: <<http://www.ifch.unicamp.br/pagu/sites/www.ifch.unicamp.br/pagu/files/pagu05.02.pdf>>. Acesso em: 25 mar. 2010.

HARDING, Sandra. Rethinking standpoint epistemology: what is "strong objectivity?" In: KELLER, Evelyn F.; LONGINO, Helen E. (Eds.). Feminism & Science, Oxford: Oxford University Press, 1996. p. 235-248.

HITA, Maria Gabriela. A família em Parsons: Pontos, contrapontos e modelos alternativos. Revista Antropológicas, PPGA-UFPE, v. 16, n.1, p. 109-148, 2005.

HITA, Maria Gabriela. A Casa das Mulheres n'outro Terreiro: Famílias matriarcais em Salvador. 1. ed. Salvador: Editora da Universidade Federal da Bahia (EDUFBA), 2014. v. 1. 514p

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA- IBGE. Censo Demográfico 2010. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/>>. Acesso em: 20out. 2011.

JAMIESON, Lynn; WASOFF, Fran; SIMPSON, Roona. Solo-Living, demographic and family change: the need to know more about men, Sociological Research Online, v. 14, n. 2/3, 2009.

JABLONSKI, Bernardo. Atitudes e expectativas de jovens solteiros frente à família e ao casamento: duas décadas de estudos. In: FÉRES-CARNEIRO, Terezinha. Casal e família: permanências e rupturas. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2009. p. 109-134.

KRAVEL-TOVI, Michal e LAHAD, Kinneret. Happily-ever after: Self-marriage, the claim of wellness, and temporal ownership. *The Sociological Review* 1– 16, 2019

LAHAD, Kinneret. A table for one: a critical reading of singlehood, gender and time. Manchester: Manchester University Press, 2017 Disponível em <<https://open.org/search?identifier=635870>>

LAI, Ai-Ling, LIM, Ming e HIGGINS, Matthew. The Abject Single: Exploring the Gendered Experience of Singleness in Britain. *Journal of Marketing Management* . Volume 31, 2015 Disponível em: <https://www.academia.edu/16797359/The_Abject_Single_Exploring_the_Gendered_Experience_of_Singleness_in_Britain?auto=download > Acesso em 10 nov 2019

LEWIS, K. G.; MOON, S. Always single and single again women: a qualitative study. *Journal of marital family therapy*, v. 23, n. 2, p. 115-34, 1997.

MACHADO, Lia Zanotta. Gênero, um novo paradigma? *Cadernos Pagu* (11) 1998: pp.107-125.

MACEDO, Adriana C.; PAIM, Jairnilson S.; SILVA, Lígia M Vieira da; COSTA, Maria da Conceição N. Violência e desigualdade social: mortalidade por homicídios e condições de vida em Salvador, Brasil. *Rev Saúde Pública*, v. 35, n. 6, p. 515-522, 2001. Disponível em: <www.fsp.usp.br/rsp>. Acesso em: 10 mar. 2011

MAIA, Cláudia de Jesus. A invenção da solteirona: conjugalidade moderna e terror moral: Minas Gerais 1890-1948. Ilha de Santa Catarina: Mulheres, 2011.

MANSUR, Luci Helena B. Solidão-solitude: passagens femininas do estado civil ao território da alma. São Paulo: EDUSP, 2011.

MARTINS, Ísis Ribeiro. “Só há solidão porque vivemos com os outros...”: um estudo sobre as vivências de solidão e sociabilidade entre mulheres que vivem sós no Rio de Janeiro. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2010. Disponível em: <http://teses2.ufrj.br/Teses/PPGAS_M/IsisRibeiroMartins.pdf>. Acesso em: 20 abr. 2011.

MASON, Jennifer. Mixing methods in a qualitatively driven way. *Qualitative Research*, v. 6, n. 1, p. 9-25, 2006. Disponível em:<<http://qrj.sagepub.com/content/6/1/9.abstract>>. Acesso em: 5 jun. 2011.

MAURITTI, Rosário. Viver só: mudança social e estilos de vida. Lisboa: Mundos Sociais, 2011.

NERI, Marcelo Cortes. A nova classe média. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, Instituto Brasileiro de Economia, Centro de Políticas Sociais, 2008

NERI, Marcelo. A solidão é senhora. *Jornal Valor*, 21 jun. 2005. Cad/col. Opinião, p. 13

MARINHO, Nilson. Levanta a cabeça, princesa. Cresce o número de baianas que moram sozinhas. *Correio da Bahia*. Salvador, 27 abril 2018. Disponível em: <<https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/levanta-a-cabeca-princesa-cresce-o-numero-de-baianas-que-moram-sozinhas/>> Acesso em 28 abr. 2018

PACHECO, Ana Cláudia. Mulher Negra: afetividade e solidão. Salvador: EDUFBA, 2013

REYNOLDS, Jill. The single woman: a discursive investigation. London and New York: Routledge, 2008.

REYNOLDS, Jill.; WETHERELL, Margareth. ‘The discursive climate of singleness: the consequences for women’s negotiation of a single identity’. *Feminism and Psychology*, v. 13, n. 4, p. 489-510, 2003. Disponível em: <http://oro.open.ac.uk/2784/1/Discursive_climate_paper.pdf>. Acesso em: 13 abr. 2012.

RICH, Adrienne. A heterossexualidade compulsória e a existência lésbica. Tradução Carlos Guilherme do Valle. *Revista Bagoas*, n. 5, p. 17-44, 2010. Disponível em: <http://www.cchla.ufrn.br/bagoas/v04n05art01_rich.pdf>. Acesso em: 5 abr. 2009.

SIMPSON, Roona. Contemporary spinsterhood in Britain: gender, partnership status and social change. Thesis submitted to the University of London. PhD Social Science. London, 2009.

SCOTT, Joan. Gender: a useful category of historical analysis. In: _____. *Gender and the politics of history*. New York: Columbia University Press, 1988. p. 28-52. [Gênero: uma categoria útil para análise histórica. Recife: SOS Corpo e Cidadania, 1993].

SMART, Carol. Personal life: new directions in sociological thinking. Cambridge: Polity Press, 2007.

SWAIN, Tânia Navarro. O normal e o “abjeto”: a heterossexualidade compulsória e o destino biológico das mulheres. *Labrys, Estudos Feministas*, n. 6, ago./dez. 2004 Disponível em: <<http://www.tanianavarrosvain.com.br/labrys/labrys6/lesb/anahita.htm>>. Acesso em: 28 maio 2009.

<http://www.geocities.com/girl_ilga/textos/pensamentohetero.htm>. Acesso em: 25 jun. 2008.

ZANELLO, Valeska. Saúde mental, gênero e dispositivos: cultura e processos de subjetivação. Ed. Appris, 2018

TAVARES, Márcia. Os novos tempos e vivências da “solteirice” em compassos de gênero: ser solteira e solteiro em Aracaju e Salvador. 2008, Salvador. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2008.

TRIMBERGER, E. Kay. *The new single woman*. Boston: Beacon Press, 2005.

VAITSMAN, Jeny. *Flexíveis e plurais: identidade, casamento e família em circunstâncias pós-modernas*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

VICTORINO, Christiane Machado. *Morar só: uma nova opção de vida*. Rio de Janeiro: Gryphus, 2001.

VELHO, Gilberto. *Estilo de vida urbano e modernidade*. *Estudos históricos*, Rio de Janeiro, v. 8, n. 16, p. 227-234, 1995.

VELHO, Gilberto. *Projeto e metamorfose: antropologia das sociedades complexas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

VELHO, Gilberto. *Subjetividade e sociedade: uma experiência de geração*. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1989.

WEEKS, Jeffrey; HEAPHY, Brian; DONOVAN, Catherine. *Same-sex intimacies: families of choice and other life experiments*. London and New York: Routledge, 2001.

WASELFISZ, Julio Jacobo. *Mapa da violência 2015. Homicídio de mulheres no Brasil*. Brasília: Flacso, 2015. Disponível em: <https://www.mapadaviolencia.org.br/pdf2015/MapaViolencia_2015_mulheres.pdf> Acesso em 10 nov 2019

vergueiro, viviane. *Por inflexões decoloniais de corpos e identidades de gênero inconformes: uma análise autoetnográfica da cisgeneridade como normatividade*. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal da Bahia, Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Professor Milton Santos, Salvador, 2015.

WITTIG, Monique. *O pensamento hetero*. In: _____. *The straight mind and other essays*. Boston: Beacon, 1992. Disponível em: